

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

OS MÚLTIPLOS ASPECTOS DA PESQUISA. A
PROPÓSITO DE UM RECENTE LIVRO DE
A. J. BACHRACH (1).

JOSÉ SEBASTIÃO WITTER

Instrutor da Cadeira de História da Civilização Brasileira da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Pode parecer estranho que uma revista de História, como tal especializada em assuntos históricos ou que um estudante da matéria venha interessar-se por uma obra dedicada à pesquisa psicológica e a ela dedicar uma parcela maior de seu tempo que a mera leitura da mesma. Todavia, os que a lerem ou já a tiveram lido, certamente não terão problemas para compreender o nosso comportamento, pois trata-se de um livro que muito tem a oferecer a todos os que se ocupam com a ciência e com a pesquisa de um modo geral, indo muito além, do interesse específico do especialista ou do estudioso da Psicologia.

A obra nos coloca, de início, ante um prefácio que, por si só, nos dá a medida do seu autor: simples, sóbrio, e objetivo. Afirma êle que o livro não pretendeu ser um tratado importante sobre ciência ou método científico, mas como o título chama a atenção, uma introdução.

“A maioria das pessoas reconheceu que êle era apenas um apertivo e não um curso completo e como tal o aceitou”.

No prefácio da 1a. edição, encontramos observação interessantíssima:

“Em geral não se faz pesquisa da maneira pela qual os que escrevem livros sobre pesquisa dizem que elas são feitas”.

O Autor afirma ser esta sua primeira lei, que se completa com a segunda e que diz respeito aos problemas de planejamento na pesquisa e é a seguinte:

“As cousas levam mais tempo do que se supõe”.

(1). — Bachrach (A. J.). — *Introdução à pesquisa psicológica*. Editora Herder. Coleção “Ciências do Comportamento”. Tradução brasileira de Geraldina Porto Witter. São Paulo. 1969.

As leis são simples, mas cremos absolutamente concretas e objetivas. Elas são explicitadas a seguir, quando o autor salienta:

“... em geral os livros sobre pesquisa são afirmações de princípios gerais formalizados e apenas refletem, de uma maneira ideal, a realidade cotidiana da prática da pesquisa. Apresentam uma visão desprendida da ciência e pouco, senão nada, do prazer e da frustração. Em resumo, os livros sobre pesquisa são (para usar uma metáfora), como um traje de gala e a própria pesquisa é como uma roupa de trabalho”.

Somente estas primeiras afirmações e as leis propostas serviriam de tema para extensa discussão, no entanto, o nosso propósito não é o de discutir as premissas do autor, mas sim colocá-las simplesmente, porque nos pareceram extremamente fecundas e ótimos elementos para a meditação. O que queremos isto sim é relatar os diversos capítulos e quando julgarmos conveniente ou necessário consideraremos com mais detalhe alguns itens estudados por Bachrach.

Começa a introdução da obra com esta afirmação:

“Pesquisa não é estatística” (pág. 1).

Ele defende de forma simples e clara a idéia de que a estatística é

“um instrumento de pesquisa, útil sem a menor dúvida, mas não mais de que uma técnica para tratamento de alguns (não de todos) dados da pesquisa” (pág. 1).

Mostra o valor da estatística para todos quantos se dedicam à pesquisa mas deixa evidente que é um erro confundir a primeira com a segunda. Tomando exemplos da história da ciência, ora das ciências biológicas, ora das exatas e às vezes da própria psicologia, ele transformou seu trabalho num texto que pode ser útil em qualquer curso de história da ciência e demonstrou quanta ciência se pode aprender num curso de história. Mais ainda, seus exemplos e todo o conteúdo de sua obra, tornam o seu livro um trabalho útil a qualquer curso de introdução à ciência ou a qualquer matéria de cunho científico. Ainda na introdução lembra o papel do acaso na pesquisa, apresentando exemplos muito bem escolhidos na história da ciência, como os trabalhos de Fleming. Mais tarde, vai apresentar as características da ciência, relembra o caso do matemático francês Lagrange, como exemplo de honestidade em pesquisa (2).

(2). — “No século XIX, o famoso matemático francês Lagrange apresentou-se diante de uma douta sociedade para explicar uma prova que havia elaborado para um problema até então insolúvel. Havia apenas começado a ler seu trabalho quando, subitamente, parou de falar, franziu o cenho,

Ainda na introdução mostra como as idéias pré-concebidas por parte do pesquisador podem limitá-lo, não lhe permitindo fazer descobertas ou estabelecer relações sugeridas por seus próprios dados.

Nos dois capítulos seguintes apresenta as características e os objetivos da ciência e os métodos usados por ela. Tem o cuidado de mostrar como “realmente” se faz a ciência e não como depois, nos relatórios científicos ela parece ser feita. Coloca as posições mais atuais em termos de pesquisa científica e apresenta as distinções fundamentais entre os métodos: teórico formal e teórico informal.

No quarto capítulo trata do problema da definição em ciência. Esta parte do trabalho parece-nos especialmente útil como texto para leitura de alunos e para aqueles que estão se iniciando no campo da pesquisa em áreas em que ainda não se desenvolveu uma terminologia rigorosamente definida como no Curso de História e de algumas ciências humanas, ou mesmo na própria psicologia, do ângulo focalizado pelo Autor, introduzindo exemplos extraídos de outras áreas do conhecimento humano, tais como a astronomia. Nêste capítulo apresenta com extrema clareza as diferenças entre os vários níveis de definição — cotidiano, poético, científico — além de introduzir o leitor nos problemas e critérios adotados para uma boa definição operacional. E’ preciso salientar o valor da demonstração que faz quanto aos inconvenientes do uso de uma linguagem popular ou de termos não definidos cientificamente.

No capítulo V apresenta as relações entre o laboratório e o “mundo real” o que pode não ser de grande interêsse para o historiador em geral, mas que coloca problemas diversos para aqueles que se preocupam com a história da ciência. O mesmo se pode dizer do capítulo seguinte em que trata dos problemas éticos relativos à pesquisa.

O capítulo final tem por título “O Cientista e a Ordem Social” e nêle o autor apresenta considerações interessantes quanto a comunicação do cientista com o público, com outros cientistas e sôbre as relações da ciência com a sociedade. Esta parte do livro pareceu-me de especial interêsse para todos quantos pesquisam ou estejam se preparando para esta tarefa, em qualquer área do conhecimento humano. Mostra a importância dos estereótipos dos cientistas em geral, e do psicólogo em particular, em suas relações com o grande público e mesmo reflexos que isto pode ter na obtenção de financiamento para a pesquisa científica. Apresenta de maneira precisa o lado negativo e positivo das comunicações feitas aos leigos. Tece considerações su-

dobrou as fôlhas do seu trabalho e disse: “Senhores, preciso pensar mais sôbre êste assunto”. Este é um cientista que se auto-corrige. Provavelmente seria conveniente que um maior número de pessoas dobrassem as fôlhas de seus trabalhos” (pág. 26).

gestivas sôbre a comunicação entre os cientistas e a interação social entre os mesmos. E' digno de nota a forma como coloca o problema da resistência à descoberta científica existente no próprio meio científico, alertando a todos para que não incidam neste erro.

Considerando o papel do cientista na sociedade lembra que é

“absolutamente imperativo que os cientistas comuniquem seus conhecimentos tão bem quanto possam, aceitando a responsabilidade social da educação sugerida por Renan e Rortand e pelo arcebispo de York” (pág. 125).

Por fim conclui esperando que o livro sirva para que os não cientistas possam compreender melhor o cientista e o trabalho que êle faz. Termina dizendo que êste pequeno livro

“não é mais do que introdução ao rigor, à flexibilidade, à diversidade, à frustração, aos mecanismos e à humanidade da pesquisa”.

Acrescentaria que o Autor atingiu plenamente seus objetivos, sendo sua obra de grande utilidade para a ciência e os cientistas em geral.